

**“O LIVRO É A MELHOR INVENÇÃO DO HOMEM”: REFLEXÕES SOBRE
UMA EXPERIÊNCIA DE LEITURA DE *QUARTO DE DESPEJO* NA EJA E A
FORMAÇÃO DE LEITORES**

Iara Soares do NASCIMENTO¹

Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)

iarasoares.amparo@gmail.com

Isis MILREU²

Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)

imilreu@gmail.com

RESUMO: O estudo objetiva refletir sobre uma experiência de leitura do livro *Quarto de Despejo*: diário de uma favelada (1960), de Carolina Maria de Jesus, realizada em uma turma da Educação de Jovens e Adultos (EJA) em 2024 e a formação de leitores. Cabe frisar que a proposta partiu da constatação de que a obra de Jesus está passando por um significativo processo de reconhecimento tanto pela academia quanto pelos leitores nos últimos anos. Consideramos ainda que *Quarto de despejo* deve ser lido por estudantes de nosso país, devido à relevância de suas temáticas, principalmente, a leitura e a escrita, bem como pelas críticas sociais, tais como a desigualdade e o racismo, uma vez que podem sensibilizar os jovens e os adultos. Além disso, a referida narrativa é um caminho produtivo para iniciar a leitura da obra carolineana, contribuindo com a formação de leitores e a problematização do cânone, uma vez que foi escrito por uma autora negra que conquistou um lugar de destaque na literatura brasileira. Para atingir os objetivos propostos, o trabalho está dividido em cinco partes. Inicialmente, apresentamos a pesquisa, sua justificativa e sua contextualização. Em seguida, expomos algumas informações relevantes sobre a vida e a produção literária de Carolina Maria de Jesus. A continuação, traçamos algumas considerações sobre *Quarto de despejo*, ressaltando a presença da leitura no diário. Na sequência descrevemos e discutimos a experiência realizada em uma turma da EJA a partir das orientações do método recepcional. Por fim, analisamos as contribuições da vivência para a formação de leitores.

PALAVRAS-CHAVE: Carolina Maria de Jesus; *Quarto de despejo*; Formação de Leitores; Método Receptivo; EJA.

**“THE BOOK IS MANKIND’S GREATEST INVENTION”: REFLECTIONS ON
AN EXPERIENCE READING *QUARTO DE DESPEJO* IN ADULT EDUCATION**

¹Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino (PPGLE), da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG).

²Doutora em Letras pela Universidade Estadual Paulista (UNESP– Assis). Professora de Literatura Hispano-americana do curso de Letras Língua Espanhola da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) e docente permanente do Programa de Pós-graduação em Linguagem e Ensino (PPGLE).

AND THE DEVELOPMENT OF READERS

ABSTRACT: This study reflect on an experience of reading the book *Quarto de Despejo: diário de umafavelada* (1960), of writer Carolina Maria de Jesus, carried out in a Youth and Adult Education (EJA) class in 2024 and the formation of readers. It should be noted that the proposal arose from the observation that Jesus' work has been undergoing a significant process of recognition by both specialized critics and readers in recent years. We also believe that *Quarto de Despejo* should be read by students in our country due to the relevance of its themes, mainly reading and writing, as well as social criticism, such as inequality and racism, since they can sensitize young people and adults. In addition, this narrative can be a productive way to begin reading Carolina's work, contributing to the formation of readers and the problematization of the canon, since it was written by a black author who has earned a prominent place in Brazilian literature. To achieve the proposed objectives, the work is divided into five parts. Initially, we present the research, its justification, and its contextualization. Next, we present some relevant information about the life and literary production of Carolina Maria de Jesus. We then outline some considerations about *Quarto de despejo*, highlighting the presence of the reading scene in the diary. Next, we describe and discuss the experience carried out in an EJA class based on the guidelines of the receptive method. Finally, we analyze the contributions of the experience to the formation of readers.

KEYWORDS: Carolina Maria de Jesus; *Quarto de despejo*; FormationofReaders; ReceptiveMethod; AdultEducation.

1.Introdução

“[...] há de existir alguém que lendo o que eu escrevo dirá... isto é mentira! Mas, as misérias são reais” (Jesus, 2014, p. 46)

Em 2024 foram publicados os resultados da sexta edição da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, a qual revelou que 53% dos participantes não leram nenhum livro nos últimos três meses, indicando uma queda significativa nos índices de leitura do país em relação à investigação anterior. Por exemplo, no que se refere à leitura de literatura, o estudo registrou que em 2019, 54% dos entrevistados leram obras literárias e que esse número caiu para 50,4% em 2024. Desse modo, verificamos que houve um declínio expressivo no número de leitores de literatura neste levantamento.

Outro dado importante do estudo diz respeito ao perfil dos leitores brasileiros, pois ao apontar que 36% possuíam ensino médio completo e que 17% estudaram até o ensino fundamental I, evidencia as consequências da desigualdade no acesso à educação e explicita que há uma relação direta entre o nível de instrução e o de leitura. Também mostrou que a média de idade dos leitores é de 37 anos e que a maioria é do gênero feminino (54%). Cabe frisar que muitos respondentes alegaram não ter lido mais livros por “falta de tempo” e que 33% afirmaram que “não gostam de ler”.

Tendo em vista este contexto, consideramos que a escola é um espaço fundamental para a formação de leitores literários, principalmente, nas aulas de Língua Portuguesa. Para contribuir com a resolução dessa problemática, realizamos uma pesquisa que objetivou promover a leitura de *Quarto de Despejo*: diário de uma favelada(1960), de Carolina Maria de Jesus, em uma turma da Educação de Jovens e Adultos (EJA) de uma escola de Sumé (PB), uma vez que julgamos que este grupo precisa de mais oportunidades de práticas de leitura. Para desenvolver a experiência de leitura recorremos às orientações do Método Receptacional, sistematizado por Maria da Glória Bordini e Vera Teixeira de Aguiar em *Literatura a formação do leitor: alternativas metodológicas* (1988), a qual relatamos neste artigo.

O citado estudo justifica-se por quatro razões. A primeira é a necessidade de ampliar as pesquisas sobre o ensino de literatura na EJA, visto que constatamos através de um levantamento do Catálogo de Dissertações e Teses da Capes que poucas investigações se dedicaram ao assunto. Já a segunda está relacionada com o fato de que hoje a obra de Carolina Maria de Jesus está sendo reconhecida pela crítica especializada e por diversos leitores, portanto, deve estar mais presente na escola. Além disso, acreditamos que as temáticas do referido diário, particularmente, a leitura, a escrita e as críticas sociais, podem colaborar com a formação de leitores dessa modalidade, possibilitando novas

interpretações da narrativa. Por fim, a investigação contribui com a renovação do cânone literário, conforme discutimos a seguir.

No livro *Literatura de autoria negra* (2023, p.161), Silvia Barros explica que “O cânone é aquela coleção de obras consideradas referência para determinada tradição. São obras constantes nos programas escolares, selecionadas para figurar nas coleções de ‘clássicos’ e usadas também para exemplificar fenômenos da língua.” A estudiosa informa que o cânone literário brasileiro foi formado em bases patriarcais e eurocêntricas. Logo, os livros de mulheres, negros e indígenas estiveram excluídos da literatura canônica e, consequentemente, do espaço escolar por muito tempo. Consideramos que essa situação precisa ser problematizada e modificada. Assim, um dos caminhos frutíferos para iniciar esse processo de mudança, é a promoção da leitura de obras de autoras negras na sala de aula.

Barros (2023, p.181) assinala que “Um dos nomes mais conhecidos da literatura negra brasileira é o de Carolina Maria de Jesus.” É importante ressaltar que a escritora lançou seu primeiro livro, *Quarto de Despejo*, em 1960, o qual foi um fenômeno de vendas na época de sua publicação e continua a ser reeditado, tendo sido traduzido para cerca de 13 idiomas e comercializado em mais de 40 países. Nesta obra, a escritora registra o seu cotidiano na favela de Canindé, mostrando sua luta para sobreviver, bem como para conciliar a maternidade e a escrita. Como aponta a epígrafe que aparece nesta introdução, muitas vezes a situação descrita por Jesus é tão desumana que pode até parecer mentira para os leitores, mas, infelizmente, fazem parte da realidade de muitos brasileiros. Portanto, é preciso conhecer estas mazelas para que sejam erradicadas. Nesse sentido, o diário traz à tona importantes questões sociais desde o ponto de vista de uma mulher negra marginalizada que resiste às adversidades usando a escrita como arma.

Atualmente, verificamos que está em curso um processo de resgate da produção

literária de Jesus no âmbito da crítica literária especializada. Entretanto, postulamos que a obra da escritora deve estar presente em diversos espaços, inclusive, na escola. Pensamos que é produtivo abordar a literatura carolineana junto ao público da Educação de Jovens e Adultos, pois sua leitura pode contribuir com a formação leitora desse grupo, sendo uma entrada para que os leitores conheçam novos livros da escritora, bem como de outras autoras negras. Por esses motivos objetivamos descrever neste artigo uma experiência de leitura realizada em uma turma da EJA com *Quarto de despejo*.

A seguir, nos debruçamos sobre a vida e a obra da autora de *Quarto de despejo*.

2.“Todos os dias eu escrevo”: notas sobre a trajetória de Carolina Maria de Jesus

“É que eu estou escrevendo um livro, para vendê-lo. Viso com esse dinheiro comprar um terreno para sair da favela.” (Jesus, 2014, p.27)

Nascida em 14 de março de 1914 em Sacramento-MG, em uma comunidade rural, Carolina Maria de Jesus era proveniente de uma família humilde e pobre, descendente de escravizados. Nesse contexto de vulnerabilidade social, a escritora estudou somente dois anos no colégio Allan Kardec, sustentada por uma senhora abastada, onde aprendeu a ler e a escrever. Para suprir suas necessidades básicas precisou abandonar a escola e acompanhar a família ao interior de Minas Gerais e de São Paulo, trabalhando desde criança como lavradora e empregada doméstica.

Após a morte de sua mãe, em 1937, quando tinha 33 anos de idade, a escritora mudou-se para São Paulo/SP, sustentando-se como faxineira de hotel e empregada doméstica. Na capital paulista, Jesus publicou seu primeiro poema em 1940, “O colono e o fazendeiro”, no jornal *Folha da Manhã*. Nessa década, também veio a público uma entrevista no jornal *A noite*, em 1942.

Posteriormente, em 1948, mudou-se para a favela do Canindé onde teve o seu

primeiro filho, João José de Jesus, em 1949. Para sobreviver coletou e vendeu papeis, ferros e outros materiais recicláveis. Em 1950 nasceu José Carlos de Jesus, o seu segundo filho, e em 1953 deu à luz a Vera Eunice de Jesus. Cabe frisar que a escritora foi mãe solo e precisou sustentar os filhos praticamente sozinha, pois recebia uma irrisória pensão apenas do pai de sua caçula, o qual, muitas vezes, atrasava o pagamento do escasso auxílio.

Apesar dos desafios do exercício da maternidade e de sua sobrevivência, Jesus nunca deixou de escrever e de lutar pela publicação de seus textos. Em 1950 veio a público outro poema da escritora no jornal *O defensor* em homenagem a Getúlio Vargas. Cinco anos depois começou a escrita de *Quarto de despejo*, um diário no qual registrava o seu cotidiano na favela de Canindé. Nos anos de 1958 e 1959 foram publicados trechos da mencionada obra, respectivamente, no jornal *Folha da noite* e na revista *O cruzeiro*, veículos nos quais trabalhava o jornalista Audálio Dantas, o suposto “descobridor” da escritora. É importante ressaltar que alguns poemas já tinham aparecido na imprensa antes do encontro deles, conforme mostramos anteriormente.

Contudo é inegável a relevância do papel de Dantas na editoração de *Quarto de despejo*: diário de uma favelada em 1960, cuja primeira edição alcançou uma tiragem de dez mil exemplares, a qual foi seguida de duas reedições que totalizaram cem mil exemplares vendidos somente no ano de lançamento. É importante sublinhar que o diário foi traduzido para cerca de treze idiomas, sendo distribuído para mais de quarenta países. Também foi adaptado para o teatro em 1961 e, posteriormente, gerou outras versões para o palco. Atualmente, a narrativa está sendo transposta para o cinema.

Através dos recursos obtidos com a publicação de seu primeiro livro, Carolina Maria de Jesus conseguiu mudar-se da favela de Canindé para uma casa própria no bairro de Santana. Na década de 1960 também recebeu uma homenagem da Academia Paulista de Letras e viajou para três estados brasileiros (Pernambuco, Rio de Janeiro e Rio Grande do

Sul), e três países da América Latina (Argentina, Chile e Uruguai) para divulgar *Quarto de despejo*, o qual tornou-se um *best-seller*.

Em 1961, veio a público o seu segundo livro, *Casa de alvenaria*: diário de uma ex-favelada. Neste ano também lançou o disco *Carolina Maria de Jesus* – cantando suas composições. Já em 1963, publicou mais dois livros: *Pedaços da fome* e *Provérbios*. Sobre essas publicações, Regina Dalcastagné em *Carolina Maria de Jesus: uma voz insubmissa na literatura brasileira* (2023), afirma que ambas receberam pouca atenção, embora tenham sido publicadas com muito esforço e a última, inclusive com recursos da própria escritora. A estudiosa ainda questiona “É como se a sociedade brasileira estivesse disposta a ouvir as agruras de sua vida, e só. Ou como se a alguém como ela não coubesse mais do que escrever um diário, reservando-se o ‘fazer literatura’ àqueles que possuem legitimidade social para tanto.” (Dalcastagné, 2023, p.16).

Resistindo à essa indiferença causada tanto pelo preconceito contra a produção literária de uma autora negra quanto por sua escrita insubordinada, em 1969, a escritora mudou-se para um sítio em Parelheiros, periferia de São Paulo, onde seguiu escrevendo contos, romances e poemas. Neste local, Carolina encontrou a almejada qualidade de vida que havia sonhado, livrando-se de conflitos com vizinhos e produzindo seus próprios alimentos.

Postumamente, vieram a público *Diário de Bitita* (1982, na França; 1986, no Brasil), *Meu estranho diário* (1996), *Antologia pessoal* (1996), *Onde estás felicidade?* (2014), *Meu sonho é escrever...* (2018) e *O escravo* (2023). Recentemente, a escritora Conceição Evaristo, juntamente com a filha de Carolina Maria de Jesus, Vera Eunice de Jesus, e outras estudiosas, estão coordenando a reedição/publicação de seus livros junto à editora Companhia das Letras. Até o momento já reeditaram *Casa de alvenaria* (2021), publicado em dois volumes, e lançaram *O escravo*.

É importante registrar que a circulação de *Quarto de despejo* foi proibida em Portugal em 1964, quando vigorava a ditadura implantada por Antonio de Oliveira Salazar (1933-1974). Neste mesmo ano foi instaurada a última ditadura cívico-militar no Brasil (1964-1984) e Jesus foi mais uma vítima da censura do regime de exceção tanto por seu apoio ao governo de Jango quanto por tecer severas críticas sociais publicamente ou em seus escritos indóceis. Dentre outras represálias, foi proibida a circulação no país de um documentário e de um curta-metragem nos quais ela era protagonista. Trata-se, respectivamente, de *Favela: a vida na pobreza* (1971), dirigida pela alemã Christa Gottmann-Elter, e *Despertar de um sonho* -sobre a vida de Carolina Maria de Jesus (1975), uma produção alemã dirigida por Gerson Tavares.

Neste contexto, foi relançado o seu primeiro livro em 1976 pela Ediouro. No ano seguinte, aos 63 anos de idade, a escritora morreu em seu sítio de Parelheiros, vítima de insuficiência respiratória. Segundo Dalcastagné (2023, p. 102), “Carolina Maria de Jesus é – para além de sua identidade de gênero, de raça – o subalterno que deseja escrever, romper o bloqueio e ter acesso à palavra, que quer falar em vez de simplesmente ser falado por outros.” Consideramos que sua luta pelo direito à literatura tornou-se paradigmática para os grupos marginalizados, visto que sua escrita insubmissa marcou não só a singularidade da escritora no campo literário brasileiro, mas também desconstruiu representações estereotipadas de vários setores sociais, inspirando, inclusive, outras mulheres negras a escrever.

Depois de sua morte, em 1978, ela foi reconhecida pelo Movimento Negro Unificado com a nomeação da publicação do grupo de *Cadernos negros*, visto que ela escrevia nesse suporte. Ademais, o documentário *De catadora de papel a escritora famosa* foi exibido na Rede Globo de Televisão em 1983. A vida de Jesus ainda foi ficcionalizada no filme *Carolina* (2003), dirigido por Jefferson de Lança, e na biografia em quadrinhos

Carolina (2016), de João Pinheiro e Sirlene Barbosa.

Na década de 1990 começaram a ser publicados os primeiros estudos sobre a obra carolineana. Os precursores foram José Carlos Sebe Bom Meihy e Robert M. Levine, autores de *Cinderela negra: a saga de Carolina Maria de Jesus* (1994) e *The Life and Death of Carolina Maria de Jesus* (1995). Em 1996, os pesquisadores também publicaram dois livros a partir do espólio de Jesus: *Meu estranho diário* e *Antologia pessoal*. Interessa-nos registrar que Meihy doou originais da escritora para o Acervo de Escritores Mineiros da UFMG. Assim, ainda há vários textos carolineanos inéditos, os quais precisam ser investigados.

No âmbito acadêmico, a primeira tese de doutorado sobre a obra da escritora veio a público em 2000. Sua autora foi Elzira Divina Perpetua e intitulou-se *Traços de Carolina Maria de Jesus: gênese, tradução e recepção de Quarto de despejo*, defendida na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Por sua vez, a dissertação pioneira sobre os escritos carolineanos foi nomeada de *O outro na Narrativa Testemunhal: um estudo a partir de Quarto de Despejo*, de Carolina Maria de Jesus, de autoria de Cleverson Alberto Rocho, apresentada à Universidade Nacional de Brasília (UNB) em 2004.

Hoje, há muitas dissertações e teses sobre a obra carolineana. Em uma busca recente ao Catálogo de Teses e dissertações da Capes apareceram 349 resultados quando inserimos o nome “Carolina Maria de Jesus” e ao digitarmos o título de seu primeiro livro, “*Quarto de despejo*”, surgiram 105 dissertações de mestrado e 22 teses. No entanto, verificamos que apesar do número significativo de estudos sobre a produção literária de Jesus, ainda há um número reduzido de investigações sobre a abordagem de seus escritos na escola. Também interessa-nos salientar que além de seus livros serem estudados em várias universidades brasileiras, Jesus foi homenageada com o título de doutora *honoris causa*

pela Universidade Federal do Rio de Janeiro em 2021, inserindo-se oficialmente no universo acadêmico.

Ao analisarmos a trajetória de Carolina Maria de Jesus percebemos que ela possuía um projeto literário que visava sua ascensão social, ou seja, sair da favela, conforme revela a epígrafe que abre este tópico, a qual foi retirada de seu primeiro livro. Contudo, Jesus foi muito além desse objetivo imediatista, pois construiu uma estética inovadora que trouxe à tona vários problemas sociais desde a perspectiva de uma mulher negra que denuncia a sua situação de marginalidade por meio de uma linguagem que subverte a escrita formal. Nesse sentido, “Carolina Maria de Jesus pode ter sido a precursora da literatura afro-brasileira contemporânea, aquela que fala de dentro da experiência e fora dos padrões estéticos eurocentrados.” (Barros, 2023, p.183)

Contudo, embora Carolina Maria de Jesus tenha conquistado um espaço sobressalente na cultura e na literatura nacional, bem como em outros países acreditamos que sua obra ainda precisa ser mais conhecida nas escolas, conforme já assinalamos. Por isso, desenvolvemos uma experiência de leitura com o seu primeiro livro, o qual examinamos no próximo tópico.

3.Considerações sobre *Quarto de despejo*: as escrevivências de uma mulher insubmissa

“Não tenho força física, mas as minhas palavras ferem mais do que espada. E as feridas são incicatrizáveis”. (Jesus, 2014, p.48)

Como vimos, *Quarto de despejo* foi publicado em 1960, mas foi escrito no período de julho de 1955 a janeiro de 1960. A narrativa está estruturada em forma de diário. O enredo versa sobre a vida de uma mulher negra, mãe solo de três filhos, na favela do Canindé e a sua luta para sobreviver neste ambiente marginalizado, bem como para

conciliar a maternidade e a escrita. Também denuncia vários problemas sociais que assolaram o país, dentre os quais se destacam a miséria, a fome, a desigualdade, a corrupção, o machismo e o racismo. Devido a essas características, o livro pode ser (re)interpretado a partir do conceito de escrevivência, cunhado por Conceição Evaristo. Em “A Escrevivência e seus subtextos”, a teórica sustenta que

Escrevivência, em sua concepção inicial, se realiza como um ato de escrita das mulheres negras, como uma ação que pretende borrar, desfazer uma imagem do passado, em que o corpo-voz de mulheres negras escravizadas tinha sua potência de emissão também sob o controle dos escravocratas, homens, mulheres e até crianças [...] (Evaristo, 2020, p.30).

Nesse sentido, a mulher negra, ao exercer o seu direito à literatura, se autorrepresenta, construindo novas imagens de si e de seu grupo. Afinal, como postula a escritora:

E se ontem nem a voz pertencia às mulheres escravizadas, hoje a letra, a escrita, nos pertencem também. Pertencem, pois nos apropriamos desses signos gráficos, do valor da escrita, sem esquecer a pujaça da oralidade de nossas e de nossos ancestrais. Potência de voz, de criação, de engenhosidade que a casa-grande soube escravizar para o deleite de seus filhos. E se a voz de nossas ancestrais tinha rumos e funções demarcadas pela casa-grande, a nossa escrita não. Por isso, afirmo: “a nossa escrevivência não é para adormecer os da casa-grande, e sim acordá-los de seus sonos injustos”. (Evaristo, 2020, p.30)

Em seu primeiro livro, Carolina Maria de Jesus denuncia as injustiças que sofreu, bem como relata sua resistência às adversidades até a realização de seu sonho de ser escritora. Também desconstrói a imagem estereotipada das mulheres negras que apareceram em muitas obras da literatura canônica brasileira ao autorrepresentar-se como uma pessoa inteligente e apaixonada pela leitura, apesar de sua limitada instrução formal, rompendo com a tradicional representação de subserviência desse grupo.

Além disso, traz à tona o preconceito do qual foi vítima quando anunciava ser escritora, problematizando o cânone literário. Para ilustrar essa discussão, recorremos a um trecho de seu diário, no qual a narradora relata que “Eu escrevia peças e apresentava aos

diretores de circos. Eles respondiam-me: - É pena você ser preta.” (Jesus, 2014, p.58). A citação explicita a discriminação da escritura de mulheres negras, as quais foram julgadas por sua identidade racial e não por sua obra durante muito tempo, pois Carolina não foi a única a ser menosprezada e, tal como ela, lutaram para se apropriar do direito à escrita.

Para Barros (2023), a escritora pode ser vista como a precursora da literatura afro-brasileira. A estudiosa aponta que “Na luta dessas mulheres por existir, a literatura serviu como via de acesso à expressão pública do pensamento.” (Barros, 2023, p.241). Explica que

Resistir em uma lógica que exclui parte significativa da população é um lema que está marcado nas produções literárias de mulheres afro-brasileiras: no entanto, não é apenas do grito que se faz a reexistência, é também na valorização das memórias e na criação de um novo sistema de imagens que desassocie as mulheres negras dos estereótipos limitadores e racistas.(Barros, 2023, p.242).

Nesse sentido, a escrita carolineana dialoga com a concepção de escrevivência proposta por Evaristo (2020, p.21), exposta anteriormente, visto que as memórias e as denúncias de Jesus impactaram vários setores da sociedade brasileira. Por exemplo, no âmbito social, a publicação de *Quarto de despejo* provocou a desfavelização de Canindé. Já no campo literário, sua obra promoveu o alargamento do cânone e continua a inspirar novas mulheres negras a escrever. Assim, sua voz despertou a casa grande ao mostrar as injustiças sofridas tanto por ela quanto por outros grupos marginalizados. Em suma,

Carolina apresenta essa possibilidade de ampliação de uma criação literária brasileira. Carolina chega exigindo espaço para novas formas, inclusive de compreensão do que seria literatura, quebra com a hegemonia literária liderada por autores brancos – homens e mulheres -, e chega se apropriando da língua, do texto literário, desse desejo da literatura a partir das classes populares (Evaristo, 2020, p.25).

Dentre outras ações inovadoras, a escritora confessa que em seu diário construía uma imagem positiva dos grupos vulneráveis socialmente: “[...] os bons eu enalteço, os maus eu critico. Devo reservar as palavras suaves para os operários, para os mendigos, que

são escravos da miséria." (Jesus, 2014, p. 61). A citação mostra que ela optou por representar os setores marginalizados a partir de uma perspectiva favorável. Além disso, a epígrafe que inaugurou este tópico explicita que Carolina Maria de Jesus concebe a escrita como arma de resistência às opressões das quais foi vítima e expressa possuir plena consciência do poder de suas palavras. Inclusive em diversos momentos de seu relato, a escritora ameaçou inserir os desafetos em seu texto, representando-os negativamente.

Em seu diário ainda acompanhamos as dificuldades que a protagonista precisa superar para dedicar-se a literatura. Dentre elas, sobressaem-se o pesado trabalho de coletora, a forma, as demandas da maternidade solo e os conflitos na favela. Além disso, existiam pessoas que menosprezavam a sua escrita. Sobre isso, declara que “[...] mesmo elas aborrecendo-me, eu escrevo. Sei dominar meus impulsos. Tenho apenas dois anos de grupo escolar, mas procuro formar o meu caráter” (Jesus, 2014, p.22). O fragmento evidencia que sua escrevivência foi a forma que ela encontrou para superar suas adversidades, mostrando que é possível produzir literatura inclusive com um nível básico de instrução.

Vale a pena destacar que em *Quarto de despejo* a leitura também ocupa um espaço privilegiado e, portanto, pode contribuir com a formação de novos leitores, inspirando-os a conhecerem outros textos de Jesus. Neste livro, a escritora enfatiza a importância do ato de ler para a construção do seu equilíbrio emocional, confessando que lê por diversos motivos, tais como apoio para enfrentar o cotidiano conturbado, relaxar e sonhar. A seguir nos debruçamos sobre alguns momentos relevantes da abordagem da leitura no diário carolineano.

Dentre outras declarações, a protagonista afirma que “[...] o nervoso que eu sentia ausentou-se. Aproveitei a minha calma interior para eu ler.” (Jesus, 2014, p. 12). Nessa ótica, a prática da leitura pode ser vista uma estratégia para manter a sua sanidade mental.

Também demonstra ela faz parte de seu cotidiano: “Li um pouco. Não sei dormir sem ler. Gosto de manusear um livro. O livro é a melhor invenção do homem.” (Jesus, 2014, p.24). Assim, enaltece o livro e o ato de ler, o qual tornou-se um hábito solidificado em sua vida. Explica ainda que “Eu gosto de ficar dentro de casa, com as portas fechadas. Não gosto de ficar nas esquinas conversando. Gosto de ficar sozinha e lendo. Ou escrevendo!” (Jesus, 2014, p.25). Julgamos que essas declarações valorizam a prática da leitura, explicitando algumas de suas funções, e são capazes de sensibilizar seus leitores a percorrer novas searas literárias.

A protagonista também confessa que “[...] todos tem um ideal. O meu é gostar de ler”. (Jesus, 2014, p. 26). Assim, escolhe a leitura como forma de vida, autorrepresentando-se como uma leitora. Para preservar a sua liberdade intelectual até renuncia a um relacionamento estável, conforme registra no seguinte trecho:

O senhor Manuel apareceu dizendo que quer casar-se comigo. Mas eu não quero porque já estou na maturidade. E depois, o homem não há de gostar de uma mulher que não pode passar sem ler. E que levanta para escrever. E que deita com lápis e papel debaixo do travesseiro. Por isso é que eu prefiro viver só para o meu ideal. (Jesus, 2014, p. 49)

Observamos que nesta citação a leitura está profundamente enraizada no cotidiano da autora. Além disso, o fragmento problematiza o preconceito contra a escrita de autoria feminina, revelando a insubmissão da escritora a essas normas patriarciais limitadoras. Nesse sentido, Maria José Motta Viana (1995, p.69) aponta em seu livro *Do sótão à vitrine: memórias de mulheres que na mencionada passagem:*

A autora nos oferece uma surpreendente demonstração de lucidez e entendimento da ameaça que a escrita da mulher pode representar [...] Em outros termos, Carolina M. de Jesus reconhece que deve ser difícil para o homem ver-se preferido em favor de outro desejo e de outro prazer que não ancore nele.

Obviamente, essa concepção está baseada nos preceitos do patriarcado e precisa ser questionada para ser superada, pois foi muito complexo o processo de inserção das

mulheres no mundo das letras. Assim, ao recusar abandonar sua autonomia intelectual por um casamento, a protagonista prioriza o seu projeto literário, pois acredita no valor de sua escrevivência. Cabe frisar que o atual reconhecimento de Jesus, bem como de outras autoras, é fruto tanto dos movimentos feministas que provocaram mudanças sociais quanto da crítica feminista que resgataram obras escritas por mulheres que estiveram esquecidas por muito tempo.

Para encerrar este tópico, pensamos que é importante recordar o seguinte trecho do diário carolineano: “[...] a vida é igual um livro. Só depois de ter lido é que sabemos o que encerra. E nós quando estamos no fim da vida é que sabemos como a nossa vida decorreu [...]”. (Jesus, 2014, p.167). No caso da escritora, sua vida continua a ser tecida em novos capítulos de obras produzidas por outras autoras negras que se inspiraram, sobretudo, em *Quarto de despejo*.

A seguir relatamos a experiência de leitura desenvolvida com o primeiro livro de Carolina Maria de Jesus e discutimos suas contribuições para a formação de leitores na EJA.

4. *Quarto de despejo* na EJA: breve relato de uma experiência de leitura

“Nunca vi uma preta gostar tanto de livros como eu”. (Jesus, 2014, p.26)

É importante assinalar que a leitura pode ser vista sob diferentes perspectivas. No livro *O que é leitura?* Maria Helena Martins (2006) apresenta duas concepções antagônicas de leitura. Na primeira, ela é compreendida “[...] como uma decodificação mecânica de signos linguísticos, por meio de aprendizado estabelecido a partir do condicionamento estímulo-resposta.” Já a segunda concebe “[...] a leitura como um processo de compreensão abrangente, cuja dinâmica envolve componentes sensoriais, emocionais,

intelectuais, bem como culturais, econômicos e políticos.” (Martins, 2006, p.31). Assim, grosso modo, é possível concluir que há uma definição limitadora e uma ampla do processo de leitura.

Por sua vez, em *A importância do ato de ler*: em três artigos que se completam, Paulo Freire (1982, p.9) postula que a “[...] leitura do mundo precede a leitura da palavra.” Nessa perspectiva, antes de aprender a ler e escrever deve-se compreender e interpretar o mundo a sua volta. Em outras palavras, trata-se da concepção ampla de leitura, a qual adotamos neste estudo.

Em relação à leitura literária, vários autores enfatizam a importância de abordar os textos literários na escola. Dentre eles destacamos Regina Zilberman (2008, p.17), a qual, em seu artigo “O papel da literatura na escola”, defende que:

A leitura do texto literário constitui uma atividade sintetizadora, permitindo ao indivíduo penetrar no âmbito da alteridade sem perder de vista sua subjetividade e história. O leitor não esquece suas próprias dimensões, mas expande as fronteiras do conhecido, que absorve através da imaginação e decifra por meio do intelecto.

Portanto, a leitura literária é uma atividade que exige do leitor o desenvolvimento de habilidades e competências a partir da construção e reconstrução do texto possibilitando a ampliação de seus conhecimentos e de sua visão de mundo. Em relação ao ensino da literatura na Educação de Jovens e adultos, verificamos, por meio de um levantamento das pesquisas disponíveis no Catálogo de Teses e Dissertações da Capes, que ainda há poucos estudos sobre o tema. A partir de nossa experiência como docente dessa modalidade, acreditamos que um dos objetivos paratrabalhar os textos literários na EJA é promover a prática sintetizadora da literatura, conforme assinalou Zilberman (2008). Também é fundamental promover a leitura literária na escola para desenvolver o pensamento crítico e reflexivo dos estudantes, assegurando uma aprendizagem significativa através da valorização do seu conhecimento de mundo e da expansão de seus conhecimentos. Nessa

perspectiva, Maria da Glória Bordini e Vera Teixeira Aguiar (1993, p. 26) no livro *Literatura a formação do leitor: alternativas metodológicas*, sustentam que:

O ato de ler pode ser duplamente gratificante. No contato com o conhecido fornece a facilidade da acomodação, a possibilidade de o sujeito encontrar-se no texto. Na experiência com o desconhecido, surge a descoberta de modos alternativos de ser e de viver.

Para as autoras, a leitura de literatura pode ser um caminho produtivo para a formação de leitores literários, à medida que o leitor se apropria das suas experiências para a construção de outros sentidos. Vimos na introdução deste artigo que o número de leitores de obras literárias decresceu nos últimos anos, conforme revelou o resultado da última edição da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil (2024). Logo, é preciso fomentar ações para que a prática de leitura de textos literários seja desenvolvida em diversos espaços, principalmente, nas escolas.

Tendo em vista nosso local de trabalho, situado no estado da Paraíba, verificamos que a normatização da Educação de Jovens e Adultos segue as orientações da Base Comum Curricular (BNCC), regulamentada pela Lei nº 13.415/2017. Porém não encontramos nenhuma orientação no Currículo estadual sobre a abordagem de competências e habilidades para formar leitores de textos literários na EJA. Contudo, as atuais Diretrizes Operacionais (2025) dessa modalidade da rede estadual da 'Paraíba, enfatizam que a EJA deve ter seu formato organizado por unidades formativas, as quais garantem a autonomia dos docentes e possibilitam o desenvolvimento de atividades de leitura de literatura. Nesse contexto, a abordagem de textos literários nessa modalidade passa a ser responsabilidade dos professores, uma vez que os documentos que regem a Educação de Jovens e Adultos sinalizam lacunas sobre o assunto.

A partir dessas considerações, a fim de colaborar com a resolução dessa problemática, realizamos uma experiência de leitura com *Quarto de despejo*, de Carolina Maria de Jesus, em uma turma da EJA Ciclo VI, correspondente ao 3º ano do Ensino

Médio, da Escola Cidadã Técnica Estadual José Gonçalves de Queiroz no Município de Sumé/PB, localizada na região do Cariri Paraibano. Antes de descrever a referida vivência, consideramos relevante apresentar a escola em que desenvolvemos nossa pesquisa.

É importante registrar que a mencionada instituição foi fundada em 09 de março de 1974, pelo governador Ivan Bichara Sobreira, através do Decreto nº 3.887, e que adotou o modelo de Escola Cidadã Técnica em 2017. Atualmente, a escola atende estudantes oriundos das zonas urbana e rural do citado município e de outras cidades, tais como: Congo, Serra Branca, Camalaú e Amparo, no Ensino Médio – Escola Cidadã Integral e Educação de Jovens e Adultos. A faixa etária dos estudantes da EJA varia de 14 a 49 anos, mostrando grande heterogeneidade em seu público, no que se refere à idade, classe social, modos de pensar e agir, religião, raça/ cor, orientação sexual, etc.

No que diz respeito à estrutura física, a escola possui uma área térrea com 11 salas de aulas; sala de direção com banheiro; sala de secretaria com arquivo; auditório; laboratório de informática com 17 computadores e internet; laboratório de ciências com equipamentos; laboratório de Robótica; laboratório de Matemática; sala de coordenação; sala de professores com banheiro; cozinha com despensa; refeitório; banheiro para funcionários; sala de Planejamento; Biblioteca; almoxarifado; quadra poliesportiva coberta com vestiário, divididos em dois anexos: masculino e feminino, e um espaço reservado para a horta escolar. Portanto, apresenta uma boa infraestrutura.

A seguir, descrevemos a experiência desenvolvida neste local em 2024. Inicialmente, estabelecemos contato com a professora do grupo a fim de (re)elaborarmos o projeto para submetermos a pesquisa ao Comitê de Ética da Universidade Federal de Campina Grande, o qual foi aprovado. Também apresentamos para a docente a nossa proposta de abordagem do livro *Quarto de despejo* em sua turma da EJA, seguindo as cinco etapas do método recepcional, sistematizado por Bordini e Aguiar (1988), conforme

relatamos a continuação.

Na primeira fase, “Determinação do horizonte de expectativas”, aplicamos um questionário diagnóstico sobre o perfil leitor (a) dos estudantes da turma selecionada para a investigação. Os resultados evidenciam que se trata de um público heterogêneo, composto em sua maioria por mulheres negras e pardas residentes na zona urbana. Ao analisar os dados, observamos que o texto literário não aparece com frequência no cotidiano escolar e social dos participantes da pesquisa, sobretudo os de autoria negra. Além disso, no que se refere ao gosto pela leitura literária, 60% dos entrevistados se consideraram leitores e 40 % afirmaram que não gostavam de ler. Desse modo, observamos que estes índices estão próximos daqueles apresentados pela pesquisa Retratos da Leitura no Brasil.

Após a análise do referido questionário apresentamos a biografia de Jesus e sua obra *Quarto de despejo*, através da leitura do cordel “Carolina Maria de Jesus”, inserido na coletânea *Heroínas Negras Brasileiras em 15 cordéis* (2020), de Jarid Arraes, visto que apenas uma participante indicou conhecer previamente a escritora. Depois da leitura do citado texto, realizamos um debate sobre a trajetória de Jesus e das adversidades que enfrentou para tornar-se escritora. Em seguida, os estudantes registraram suas impressões da obra em seus diários de leitura. Uma participante, denominada de aluna B, destacou que

[...] ‘o racismo dominava espalhando humilhação’, o verso me chamou a atenção porque o racismo ainda está presente nos dias de hoje é uma pauta muito relevante atualmente, pois muitas pessoas são humilhadas por sua cor, cabelo e vestimenta. Acho algo desnecessário, pois todos somos seres humanos, ninguém é melhor do que ninguém.

Percebemos que a questão racial predominou nas interpretações dos estudantes sobre o cordel de Arraes, tal como ilustra o citado trecho. Além disso, alguns alunos assinalaram o gosto de Carolina Maria de Jesus pela leitura e pela escrita, dentre outras temáticas presentes no texto selecionado.

Na sequência, desenvolvemos a segunda etapa do método recepcional, ou seja, “Atendimento do horizonte de expectativa”, na qual foi discutida a representação da mulher negra na sociedade, com o intuito de ampliar a compreensão do cordel de Arraes. Após essa roda de conversa, proporcionamos o primeiro contato dos estudantes com o livro *Quarto de despejo*. Nesse momento, eles realizaram uma leitura individual de trechos do diário que abordavam críticas sociais, particularmente o racismo, as quais deveriam examinar em seus diários de leitura para, posteriormente, serem socializadas em uma leitura compartilhada.

Depois de concluir esta fase, iniciamos o próximo passo da metodologia adotada neste estudo: “Ruptura do horizonte de expectativa”. Nesse momento devem ser ofertados textos diferentes aos explorados anteriormente. Por isso, apresentamos o poema “Vozes-mulheres”, de Conceição de Evaristo, a partir do qual realizamos um debate sobre questões étnico-raciais, principalmente, sobre as representações das mulheres negras e ancestralidade.

Tal como nas demais atividades os estudantes comentaram suas impressões do texto poético em seus diários de leitura. Para exemplificar esta tarefa, registramos as reflexões da Aluna A: “Assim como diz a narrativa. Somos um capítulo dia após dia, e muitas vezes não nós damos conta das coisas simples, do afeto e até mesmo do nosso amor próprio.”. Sua declaração evidencia que ela compreendeu a relação da literatura com a vida e a necessidade de refletir sobre a realidade para fortalecer nossa identidade e enfrentar as adversidades.

Em seguida, desenvolvemos a quarta etapa da nossa abordagem, “Questionamento do horizonte de expectativa”, comparando os textos estudados a partir de reflexões sobre os trechos que abordam a leitura em *Quarto de despejo*. Para ilustrar, a recepção da obra de

Carolina Maria de Jesus, recorremos a um excerto do diário de leitura da aluna B, a qual escreveu que:

Esse trecho traz uma reflexão sobre a importância da leitura na vida da autora, mas não só na vida dela, a leitura pode ser uma forma de terapia ocupacional, fazendo as pessoas refletir sobre determinado assunto ou até mesmo sobre a vida, ajuda as pessoas a ter um senso crítico, pois pessoas pobres não tem acesso à terapia. A leitura pode ser uma ferramenta para trazer um pouco de paz interior, em tempos tão caóticos em que vivemos.

Sua declaração evidencia que ela foi sensibilizada pela leitura da obra de Jesus, compreendendo as múltiplas funções do ato de ler. Cabe frisar que outros estudantes relacionaram a leitura com a vida e apontaram alguns de seus benefícios em seus diários.

Por fim, desenvolvemos a última fase proposta pelo método recepcional, isto é, a “Ampliação do horizonte de expectativa”, na qualexploramos trechos sobre a prática da escrita em *Quarto de despejo*. Neste momento, os alunos realizaram a leitura silenciosa dos fragmentos selecionados, destacando e comentando por escrito aqueles que considerassem mais significativos. Posteriormente, fizeram a socialização de suas interpretações.

Para concluir a experiência de leitura, o último encontro foi destinado para a avaliação da vivência de cada estudante. Os relatos demonstraram que a recepção de *Quarto de despejo* foi bastante significativa, pois as temáticas abordadas na narrativa foram consideradas próximas da realidade dos estudantes. Inclusive, alguns alunos afirmaram que identificaram em diversos momentos da leitura da obra de Jesus problemas sociais que já precisaram enfrentar. Contudo, outros apontaram que a experiência foi desafiadora porque não possuíam muito convívio com textos literários, mas que conseguiram entender os textos. A partir dessas devolutivas, é possível concluir que nossa abordagem da obra de Jesus na EJA contribuiu com a formação leitora dos participantes da pesquisa.

Para representar essas avaliações destacamos um comentário do Aluno F: “participar do projeto de leitura foi uma experiência transformadora. Agradeço pelo

incentivo a reflexão crítica, pela exposição a novas ideias e pela criação de um ambiente acolhedor para compartilhar pensamentos e opiniões". Notamos que o discente gostou da abordagem da leitura de *Quarto de despejo*, sentimento compartilhado por vários participantes da vivência. Outra reflexão interessante foi feita pela aluna A, exposta abaixo:

Enquanto leitora lendo trechos da narrativa de Carolina Maria de Jesus percebi uma realidade bem presente ainda nas nossas vidas e na nossa sociedade. Quando muitas vezes fala das dificuldades encontradas e de uma sociedade totalmente machistas, egoísta, e também preconceituosa com suas opiniões formadas como ela hoje, também perpetua nas mulheres sozinhas, mas independentes que também lutam por nossas ideias Carolina nos mostra que somos capazes de sermos o que quisermos, e não é à toa que nós mulheres estamos chegando as páginas dos nossos livros também, pude perceber o medo que ela tinha em se prender a alguém, talvez por ser mãe solo, negra e com seus filhos para cuidar, mas com a certeza que sua vida mudaria, dava lugar e voz em suas palavras e escrita, para que mais pessoas pudessem crescer enquanto ser humano. Quem diria que uma mulher negra sem estudo e formação se tornaria um ícone da leitura. [...]

Em seu comentário, notamos que ela foi sensibilizada pela escrita carolineana e reconheceu-se como uma de suas leitoras. Também enfatizou a importância da leitura e da escrita para a vida de Jesus, considerando a escritora um ícone da leitura. Estamos de acordo com essa interpretação da discente, visto que a epígrafe que inaugura este tópico, evidencia que a própria escritora se espantava com a intensidade de seu amor pelos livros.

Tendo em vista que há poucos estudos sobre o ensino de literatura na EJA e que não identificamos nenhum trabalho que aborde o primeiro livro de Carolina Maria de Jesus a partir das orientações do método recepcional, disponibilizamos a sequência didática utilizada para desenvolver nossa experiência de leitura, no seguinte quadro:

SEQUÊNCIA DIDÁTICA

AULAS (35 minutos)	ETAPAS DO MÉTODO RECEPCIONAL
--------------------	------------------------------

Primeiro encontro (2 aulas)	1.“Determinação do horizonte de expectativas”. O primeiro encontro foi destinado à realização de uma avaliação diagnóstica sobre o perfil leitor dos alunos. Neste momento, apresentamos a vida e a obra da escritora através da leitura do cordel “Carolina Maria de Jesus”, de Jarid Arraes.
Segundo encontro (2 aulas)	2.“Atendimento do horizonte de expectativas”. Estas aulas foram destinadas para a leitura individual e coletiva de <i>Quarto de despejo</i> .
Terceiro encontro (2 aulas)	3.“Ruptura do horizonte de expectativas”. Foi realizada a leitura individual do poema “Vozes-mulheres”, de Conceição Evaristo, seguida de um debate sobre as representações da mulher negra e a ancestralidade.
Quarto encontro (2 aulas)	4.“Questionamento do horizonte de expectativas”. Neste encontro, realizamos a leitura de <i>Quarto de despejo</i> .
Quinto encontro (2 aulas)	5.“Ampliação do horizonte de expectativas”. Nestas aulas, os estudantes compararam os textos lidos durante a vivência.
Sexto encontro (2 aulas)	O último encontro será destinado para a avaliação da experiência de leitura de cada estudante.

Fonte: Elaboração das pesquisadoras (2024).

Nossa intenção ao apresentar esta síntese de nossa sequência didática é ressaltar a importância do planejamento na elaboração de atividades de leitura literária e compartilhar de forma sistematizada nossa vivência, bem como inspirar outras abordagens desta obra.

Na última parte deste artigo, tecemos algumas reflexões sobre a experiência desenvolvida com *Quarto de despejo*.

5.CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Recomendo que pesquise
Muito mais dessa escritora”
(Arraes, 2020, p.41)

Inicialmente, é importante destacar que a leitura de *Quarto de Despejo* foi um caminho produtivo para a formação de leitores literários, pois acreditamos que a obra de Carolina Maria de Jesus ao abordar temáticas relevantes sensibilizou os participantes da

pesquisa, possibilitando o desenvolvimento da prática sintetizadora da literatura. Através dos relatos de diversos estudantes, percebemos que vários se identificaram com episódios relatados em *Quarto de despejo* e mostraram interesse em ler mais obras de Jesus, bem como de outras autoras negras.

Consideramos que as leituras dos textos de Jesus, Arraes e Evaristo evidenciaram a necessidade de repensar o cânone literário na formação de leitores, visto que antes dessas experiências, os discentes alegaram não conhecer produções literárias de autoria negra, conforme identificamos no questionário diagnóstico. Portanto, essa vivência proporcionou que eles ampliassem o seu repertório cultural e sua visão de mundo a partir de sua realidade.

Mostramos ainda que é possível e produtivo abordar literatura na Educação de Jovens e Adultos, apesar de alguns desafios, tais como o reduzido tempo de aula e o escasso contato desse público com as obras literárias. Para enfrentar o primeiro problema, optamos por selecionar trechos do diário carolineano e solicitar que os registros nos diários de leitura fossem realizados em casa. Em relação a segunda dificuldade, escolhemos abordar *Quarto de despejo* a partir da proposta do método recepcional, o qual mostrou-se uma alternativa viável para a formação de leitores na EJA.

Nosso estudo também contribuiu para ampliar as pesquisas sobre o ensino de literatura na EJA e para inserir o primeiro livro de Jesus na escola. Porém, pensamos que ainda há um longo caminho a ser trilhado para que a literatura se torne de fato um direito de todos. Nessa caminhada, um passo possível é pesquisar outros livros de Carolina Maria de Jesus, conforme assinala a epígrafe destas considerações finais, retirada do já mencionado cordel de Arraes. Outro é inserir a obra carolineana na escola, bem como outros escritos de autoras negras a fim de enegrecer o cânone literário e democratizar o ensino de literatura, formando leitores com uma visão mais ampla de mundo.

REFERÊNCIAS

- ARRAES, Jarid. *Heroínas negras brasileiras: em 15 cordéis*. São Paulo: Pólen, 2020.
- BARROS, Sílvia. *Literatura de autoria negra*. Curitiba: Intersaber, 2023.
- BORDINI, Maria da Glória; AGUIAR, Vera Teixeira. de. *Literatura a formação do leitor: alternativas metodológicas*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.
- DALCASTAGNÈ, Regina. *Carolina Maria de Jesus: uma voz insubmissa na literatura brasileira*. Brasília: FUNAG; Instituto Guimarães Rosa 2023.
- DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (Orgs.). *Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. Rio Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.
- EVARISTO, Conceição. A Escrevivência e seus subtextos. In: DUARTE, Constância L.; NUNES, Isabela R. (Orgs.). *Escrevivência - a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*, 1^a edição, Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.
- FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler*. São Paulo: Cortez, 1982.
- JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. São Paulo: Ática, 2014.
- MARTINS, Maria Helena. *O que é leitura*. São Paulo: Brasiliense, 2006.
- SOUZA, Neuza Santos. *Tornar-se negro ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. São Paulo: Editora LeBooks, 2019.
- VIANA, Maria José Motta. *Do sótão à vitrine: memórias de mulheres*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1995.
- ZILBERMAN, Regina. O papel da literatura na escola. *Via Atlântica*, São Paulo n. 14, dez. 2008.

RECEBIDO EM: 16 de novembro de 2025
 APROVADO EM: 11 de dezembro de 2025
 Publicado em dezembro de 2025